

**Sessão de Abertura do XIII Congresso  
Internacional de Direito Comparado  
"Tendências no direito contemporâneo"  
Saudação  
*José Arthur Rios***

Quis a tenacidade do Professor Francisco Amaral que nos reuníssemos neste Congresso comemorando os 25 anos do nosso Instituto e, sua mesma teimosa obstinação me convoca a dirigí-  
vos esta saudação.

Não se trata de gesto apenas protocolar. Entre nós, portugueses e brasileiros, além de um desenganado amor ao Direito, o culto da mesma língua, há uma afinidade fraterna que os descaminhos da política não demoliram. Nasce das mesmas raízes afetivas que ressumam das novelas chorosas de Camilo Castelo Branco ou do nosso José de Alencar, vibra — porque não? — no vosso fado, estremece ao nosso abraçinho, apura a alma no sentimento da saudade.

Aqui estamos, decorridos 25 anos, ombro a ombro, debruçados sobre problemas de criação e perfeição do Direito, Constituição e Direitos Humanos, vale dizer, problemas de civilização — no exato momento em que resíduos de um passado arcáico ameaça rasgar Constituições, violar direitos humanos, por em risco uma civilização que se pretende cristã, humana, e democrática.

Em vários momentos da história, a consciência jurídica manteve vigília quando as luzes da razão bruxuleavam ameaçando mergulhar o mundo numa nova idade das trevas. Aqui estamos, na teimosa modéstia de nosso Instituto, atentos e despertos, mãos unidas quase em oração, para que a chama vacilante não se apague.

Nessa tarefa ingente assistem-nos sombras veneráveis de companheiros que se foram. Nem é preciso para evocá-las as

encantações mágicas do herói grego, na página clássica. Bastenos a memória, a lembrança viva de sua palavra e de seus ensinamentos, através de tantos seminários e congressos aquém e a além mar. Aqui estão diante de nós Antonio Ferrer Correia, Caio Mario Pereira, Carlos Alberto Pinto, Orlando Gomes, Haroldo Valadão, Afonso Arinos de Melo Franco, Rubens Limongi França, Orlando de Carvalho, José Mota Maia — e muitos outros que me escuso recordar e compareceram pontuais, a convocação de 15 de setembro de 1981, data inaugural do nosso Instituto e, juntos assinaram sua ata de fundação.

Aqui estão em espírito, obedientes a uma chamada sem relógio de ponto nem falta, presentes com sua lúcida consciência da Justiça, seu senso preciso do fio de prumo da norma.

Suas vozes nos chegam acima da atoarda das ideologias, do verbo vazio dos demagogos, do pedantismo das academias — para nos lembrar que os fatos passam, diluídos na poeira das praças, as idéias permanecem, luminosas, pautando a consciência ética, marcando condutas e exemplos.

Esse clamor pelo Direito não conseguem abafá-los nem as estruturas do Poder, nem o modismo da globalização nem a massificação que mistura povos e raças, inverte valores e corrompe padrões e paradigmas.

Mais importante que o distributismo utópico, parece-nos é o acesso de todas camadas à justiça, atender essa fome do justo e, dar a toda a sociedade essa consciência do Direito, essência da cidadania.

Apostados nessa tarefa comum aqui estamos nesse adorável recanto do planeta, ligeiramente perturbados pelo trânsito congestionado, o vozerio das aspirações pré-eleitorais, às vezes, a bala perdida. Aqui estamos para separar o joio do trigo, o efêmero e o eterno, na peneira fina da hermenêutica, na construção de edifícios jurídicos do amanhã.

Que Deus nos ajude, caros companheiros, vos leve a salvo de volta a vossas moradas na alegria do trabalho fecundo e do dever cumprido.